

# A Lógica e a Psicologia na construção da Ciência Unitária

Do tronco comum do saber filosófico antigo brotaram uma a uma as mais diversas ciências. O saber, a *Ciência*, parcelou-se em ciências particulares, cada uma das quais procura retalhar a realidade complexa e inter-relacionada do universo em domínios privados; cada ciência passa a ter um objecto próprio, um campo de acção individual, que procura estudar com processos metodológicos, também individuais, próprios, independentes dos processos metodológicos das outras ciências. A propriedade privada instala-se florescente na grande propriedade colectiva do saber antigo, que era todo o universo. A física, a química, a biologia, a sociologia, ciências e técnicas, dividem entre si o mundo dos fenómenos e colocam nos limites das suas «fazendas» marcos divisórios bem visíveis.

Esse parcelamento da Ciência em ciências particulares, realizado sob o impulso dos progressos do conhecimento, frutifica em novos progressos sensacionais. O físico, o químico, o biólogo, dedicando-se cada um a um objecto preciso e limitado, podem aprofundá-lo e arrancar-lhe os seus segredos. O parcelamento da Ciência dá origem à fecundidade das especializações; mas a fecundidade das ciências particulares, o movimento do geral para o particular, para o parcelamento, gera o seu *contrário*: o movimento para a universalidade, para o conjunto, a tendência moderna para a Ciência unitária que sem contrariar as especializações, — antes fundando-se e surgindo da própria divisão do trabalho no seio da Ciência — procura reunir os seus membros dispersos num organismo único. O mito dialéctico da deusa Isis, reunindo ao fim de cada dia os membros dispersos de deus seu esposo para o fazer surgir cada vez mais brilhante e belo na aurora do dia seguinte, encontra aqui uma significação.

A antiga física e antiga química deixam de ser duas ciências independentes, a físico-química moderna surge e nas suas fronteiri-

ras começa a misturar-se com a biologia, com a psicologia, as quais por sua vez veem lançar raízes na sociologia e na história. Mas entre as antigas ciências particulares não se realizou ainda uma solução de continuidade: lacunas dessa continuidade ideal são como fossos que a investigação científica procura encher com novos conhecimentos. Entretanto, por cima desses fossos, dumas para as outras, a ciência moderna está tecendo uma cadeia cada vez mais densa de amarras. É esta uma das tarefas importantes dos investigadores contemporâneos e um dos problemas mais instantes para o destino do pensamento científico e filosófico.

As relações que se estabelecem entre a lógica e a psicologia, dentro deste movimento para a Ciência unitária, tal é o problema sobre que pretendemos, por hoje, lançar alguma luz.

As leis formais do pensamento, as condições a que tem de obedecer o pensar do homem para que seja correcto, para que as inferências do seu raciocínio tenham carácter de necessidade, as constantes ou invariáveis do *modus faciendi* do raciocinar legítimo, eis o que os lógicos procuram estabelecer. Mas o pensamento do homem não é formal, é concreto. O homem pensa acerca deste ou daquele caso, deste ou daquele facto ou série de factos. A lógica vai pois abstrair do pensamento concreto do homem se quer fornecer-lhe regras universais, regras não para este ou para aquele caso, *mas regras para todos os casos*. A lógica ambiciona ser um instrumento universal, absoluto, mas só o consegue despindo-se de todos os conteúdos concretos das idéas e dos raciocínios dos homens reais. Mas «por outro lado, pergunta-se Henri Lefebvre — pode-se conceber que existam duas lógicas completamente separadas, sendo uma abstracta, lógica da forma pura; sendo a outra concreta, lógica do conteúdo? De facto a lógica formal não consegue nunca desfazer-se do conteúdo; pode somente expulsar um fragmento,